



## **Acampamento-mutirão agroecológico no Território de Experiências Interdisciplinares Agroecológicas da UFF de Santo Antônio de Pádua - Pré CBA 2023**

*Agroecological collective camp in the Territory of Agroecological Interdisciplinary Experiences at UFF de Santo Antônio de Pádua - Pré CBA 2023*

MATTOS, Gilson<sup>1</sup>; MARQUES, Cássia<sup>2</sup>; PENA, Erodias<sup>3</sup>; RAMALHO, Luciano<sup>4</sup>; CAMPOS, Leonardo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>UFF, gilsongrosso@id.uff.br ; <sup>2</sup>UFF, cassiapoubel@id.uff.br; <sup>3</sup>UFF, erodiaspereira@id.uff.br; <sup>4</sup>UFF, lucianocarrarine@id.uff.br; <sup>5</sup>UFF, lecampos@id.uff

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** Este resumo relata a mobilização de docentes e discentes da UFF para realizar um acampamento-mutirão no Campus do Noroeste Fluminense. O objetivo era aprofundar os estudos em agroecologia por meio de atividades no TEIA - Território de Experiências Interdisciplinares Agroecológicas. O acampamento contou com estudantes do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, outros cursos do INFES e orientação docente. Durou uma semana e incluiu mística, manutenção dos espaços construídos, manejo do solo e ocupação da casa-sede do laboratório. Também foram realizadas atividades de bioconstrução, implantação de sistema de irrigação em formato de mandala, oficina de serigrafia e criação de espaço da compostagem. O objetivo principal foi fortalecer a consciência coletiva em preparação para o XII Congresso Brasileiro de Agroecologia.

**Palavras-chave:** acampamento; mutirão; laboratório de ensino em agroecologia.

#### **Contexto**

Em se tratando de humanos, espera-se que toda soma de potências resulta em mais força. A força aumentada movimenta as potências individuais. Unidos, em prol de um interesse comum, indivíduos com suas potências movimentadas veem acender os seus sentimentos de vida. Querem viver, bem viver, com outros.

O interesse de bem viver em comunidade, como tribo em volta da fogueira, trocar ideias, 'pegar no pesado' ao lado de irmãos, isso intensifica o sentimento de vida. Calejando as mãos, se expondo ao sol forte durante o dia, ao frio das madrugadas, isso deixa de ser sacrifício quando outros, nos quais cada um se reconhece, passam pela mesma coisa ao lado. O preparo coletivo das refeições, os ritos, as celebrações, o trabalho, tudo isso dá sentido à ideia do que se espera de um mutirão, quando este é entendido como trabalho que cumpre propósitos educativos, como prática educativa.



Durante o acampamento-mutirão, que foi realizado por iniciativa de estudantes da Educação no Campo, sob a supervisão de dois de seus docentes, os professores Leonardo Gama Campos e Maurílio Machado Lima Junior, no Território de Experiências Interdisciplinares Agroecológicas (o TEIA), em Santo Antônio de Pádua, e que contou com a participação de estudantes da UFF, de outros cursos, o que se experimentou foi um processo formativo de imersão em agroecologia.

O TEIA fica em uma área anexa ao campus do INFES/UFF, às margens de um perene e poluído afluente do Rio Pomba; área que outrora abrigou um aterro de resíduos da indústria de pedrarias da cidade. Uma área pedregosa e, em princípio, inóspita para ser pensada como área agroecológica. Mas é disso que a agroecologia gosta: transformar o inóspito em ótimo. Acampar para aperfeiçoar um lugar constitui um verdadeiro desafio para quem deseja agroecologizar um território. Onde antes havia somente montes de pedras, agora se vê um agrossistema ecológico em operação; um sistema que quer abundância, mais vida e virtudes.

No TEIA, o solo é cultivado por bananeiras e outras árvores: algumas nativas, outras exóticas. As bananeiras cumprem um propósito crucial: produzir biomassa para nutrir outros cultivos alimentares. Elas se alimentam dos nutrientes do solo e da água, e retribuem ao solo seus nutrientes naturais. No solo elas retêm água, fazendo-o apto à produção de alimentos saudáveis. Às práticas das bananeiras aliamos práticas de compostagem e adubação verde, que se articulam com métodos e conhecimentos construídos a partir dos estudos da agroecologia.

Nele, o projeto propõe uma intervenção territorial sustentável a partir de práticas ancoradas nos fundamentos da ciência agroecológica e da permacultura construídas no âmbito do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Território, Ambiente e Agroecologia – NUTAGRO/INFES/UFF, criando assim, o Laboratório Vivo. Campos, L G: 2019: p.1.

O TEIA representa a educação de educadores fora dos espaços e modelos formais acadêmicos de aprendizado. Durante o acampamento nele realizado, um acampamento-laboratório-mutirão, não fizemos exatamente experimentos, mas experimentamos nele, ao longo da semana, um outro tipo de convivência em torno do trabalho e da educação. Conseguimos experimentar uma relação estreita entre educação e trabalho numa vivência comum. Assim pudemos virar a chave e acessar outros afetos, outros modos de ser e agir dentro do processo de formação como educadores. Ali trabalhamos juntos como acampados e nos educamos. Com os visitantes que apareceram ao longo da semana, construímos uma coletividade, que produziu, no encontro de diferentes subjetividades, uma



atmosfera propícia à co-produção e elaboração do conhecimento pela *vivência*.

De modo geral, busca-se desenvolver tecnologias populares de baixo custo e mínimo impacto ambiental que possam fortalecer e acelerar os processos de desenvolvimento rural e urbano sustentáveis com foco nas práticas das unidades familiares, estimulando a autonomia comunitária em suas ações na relação com seu meio. Campos, L G: 2019: p.1.

O que é mais do que teoria, e mais do que prática: é processo educativo transformador. Como em todo processo de construção coletiva, observamos o quão complexas são as relações entre os membros de uma coletividade. Isso porque cada lugar de interação de subjetividades exige a construção de formas específicas de sociabilidade. É o lugar e o trabalho a ser realizado que define isso. As aptidões individuais são requeridas e testadas. São prestadas em função do coletivo e ganham importância durante a criação coletiva. Percebemos que o comum, o espaço comum, as coisas comuns, são construídos ao longo da própria interação. O comum não é previamente dado.

Talvez seja essa a maior dificuldade de se realizar processos educativos através de vivências, tal qual foi o acampamento-mutirão. Isso porque o processo exige adesão pelo desejo, disponibilidade pela disposição do corpo e contribuição voluntária pela vontade de contribuir. Nada é pela coerção, mas antes pelo entendimento sobre como a ação individual incide sobre o bem comum. Alguns compreendem facilmente isso. Outros levam mais tempo. Obviamente, apesar de existirem contribuições de maior relevância dentro desse trabalho comum, entendemos que a disputa ou a competição, o protagonismo nas ações e o individualismo não são exatamente o que se espera dentro de uma articulação cooperativa e colaborativa. A expectativa é o contrário disso: romper com as forças predatórias que dominam os costumes, formar reflexões coletivas a partir do encontro de sujeitos em suas experiências pessoais, tal como ocorre nos movimentos sociais do campo, movimentos populares, que tanto nos inspiram quando lemos sobre eles.

### **Descrição da Experiência**

Na fase de planejamento, o que se buscou primeiramente foi chegar a acordos sobre datas, conteúdos, alcance e o sentido do tempo comunidade sob a forma de acampamento-mutirão. Ficou decidido que todas as atividades estariam alinhadas com algum eixo temático da Agroecologia e que, metodologicamente, essas atividades se desenrolariam dentro de uma abordagem inter/multi/transdisciplinar. Paralelamente a isso, as práticas precisariam considerar as características e as disposições pessoais dos participantes, sem papéis pré-definidos de antemão peculiar de cada pessoa, de modo que os objetivos específicos fossem definidos



durante o próprio processo. O crucial é que a experiência deveria possibilitar aos participantes compreender as bases da agroecologia enquanto ciência engajada e crítica. Isso deveria ser possível desde a prática no manejo sustentável da terra, que deveria fomentar o pensamento sobre a sustentabilidade e suas múltiplas dimensões - ecológica, social, econômica, cultural, política e ética -, até às práticas de auto-organização, que teria a intenção, em um nível microcômico, de fomentar a formação política na direção das discussões da agroecologia.

No TEIA, a experiência propriamente iniciou ao entardecer do primeiro dia com a montagem do acampamento, recepção dos acampados, preparação do jantar e realização da mística com todos em volta da fogueira. A mística tem uma função primordial nessas atividades. Ela tece de forma simbólica nos afetos e na memória dos participantes um sentimento de pertencimento e mobiliza as subjetividades na construção de um comum.

A persistência na reprodução das mesmas atitudes éticas, durante a toda vida na prática social de seres individuais ou de sujeitos coletivos, conforma a experiência do fazer como parte do movimento da continuidade da vida e da história. **Dicionário da Educação do Campo**, FIOCRUZ, Bogo, Ademar, 2012, P.475.

A partir do segundo dia, foram iniciadas, organicamente, as frentes de trabalho previstas. Etapas preparatórias e estruturantes foram encaminhadas de modo a poderem ser desenvolvidas e concluídas ao longo da semana. Durante o café da manhã desse segundo dia, por exemplo, definiu-se o local em que seria construído o primeiro banco de bioconstrução (em hiperadobe), de um total de quatro, planejados para ladear a fogueira. Começou também a manutenção na área das bananeiras. Ao lado disso, foram deslocados de lugar rebentos adultos de espada-de-São-Jorge para o entorno da meia-água recém-existente no território e que serve de base de apoio para as atividades agroecológicas (guarda de equipamentos, banheiro com chuveiro e cozinha). Aliás, essa base de apoio passou a sofrer intervenções estéticas a partir do terceiro dia. As paredes externas viraram telas e foram pintadas, pelas mãos dos participantes, com tintas feitas de terra do próprio local e restos de madeira carbonizada da fogueira. Os motivos dos desenhos foram inspirados nos trabalhos da artista plástica indígena We'e'ena Tikuna, do Amazonas, e na arte gráfica kusiwa, da população indígena Wajãpi, do Amapá.

No terceiro dia, recebemos a visita do agricultor familiar Francisco Belieny, que conversou conosco sobre o seu trabalho com o cultivo e produção agroecológica do óleo de melaleuca no Sítio Agroecológico São José, em Aperibé.

Durante todo o acampamento as refeições foram produzidas no TEIA de forma



colaborativa. A matéria orgânica residual das refeições foi utilizada para alavancar o espaço da compostagem, que foi construído com o objetivo de promover a recirculação metabólica dos nutrientes introduzidos no espaço que, com a composteira, ganha a chance de se transformar em adubo para a horta.

Os canteiros da horta, feitos com contenção de pedras de descarte pré-existentes na área, por sua vez, foram enriquecidos com um aporte de terra rica em materiais orgânicos. A pretensão é que a cozinha do espaço chegue a um tempo em que seja alimentada em mais de 50% com alimentos produzidos na própria horta e que a horta seja adubada exclusivamente com compostos residuais da cozinha.

É preciso dizer ainda que o poder feminino foi fundamental na preparação dos alimentos, na bioconstrução do banco da fogueira (no transporte, peneiração, compactação e modelagem da terra), na arte da casa de apoio, na oficina de serigrafia e na confecção das plaquinhas de slogans que hoje ornaram o ambiente. Destacamos aqui também que atividades de trabalho foram sempre intercaladas com atividades lúdicas, musicais (roda de violão em torno da fogueira), esportivas (slackline), etc., que permitiram criar um ambiente descontraído e fraterno



Figura 1 - Peneiração do barro seco  
Fonte: Compilação dos autores



Figura 3 - Estudantes recebem visita de produtor agroecológico local e compartilham experiências Fonte: Compilação dos autores

## Resultados

Os principais resultados alcançados englobam a capacidade da vivência de ter conseguido articular conhecimentos agroecológicos com conteúdos de componentes curriculares do curso, sobretudo com o Tempo Comunidade e de ter sido uma forma bem-aventurada de imersão prática em conceitos da agroecologia, o que nos fez experimentar no corpo uma preparação viva para o XII Congresso Nacional de Agroecologia.

Além disso, é possível dizer ainda que verificamos o fortalecimento das relações entre os discentes e destes com os docentes. Sob a forma de acampados, e mediante dinâmicas de trabalho, místicas, lazer, alimentação e conversas informais, vivenciamos relações não possíveis dentro das rotinas universitárias usuais, mas que são também formativas. Isso enriquece a formação de educadores.

## Agradecimentos

Adilson Amaral, Aline Silva Correa, Ana Beatriz, Brenda Miranda, Estevão Luiz S. da Anunciação, Eyshilla Peixoto da Silva, Marcos Melo, Marcos Trescate, Maria Eduarda Aníbal H. Souza, Maurilio Machado Lima Junior, Rayana Figueira, Sandy, Stefany e Yasmim Guedes Ferreira.



### Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. Formação de educadores do campo. In CALDART, Roseli; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **DICIONÁRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

CAMPOS, L. G. . **TECNOLOGIAS SOCIOAGROECOLÓGICAS: CONSTRUINDO TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS COM EDUCAÇÃO DO CAMPO**. In: AGIR/UFF. (Org.). CATÁLOGO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS. 3ed.Niterói: EDUFF, 2019, v. 1, p. 74-.

CAMPOS, L. G. ; PAPINI, R. M. . **TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES AGROECOLÓGICAS: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PARA O DIÁLOGO DE SABERES**. In: Patricia Almeida Ashley; José Rodrigues de Farias Filho; Mônica Marella Corrêa. (Org.). Educação ambiental, sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: contribuições para o ensino de graduação. 01ed.Niterói: Eduff, 2019, v. , p. 01-.